

Sobre a brevidade da vida

Sêneca

Sobre a brevidade da vida



Editora S.A.

Copyright © Editora S.A., 2023

© Todos os direitos reservados

Proibida reprodução, armazenamento ou transmissão do conteúdo deste livro através de quaisquer meios, mesmo que parcial, sem prévia autorização do por escrito da editora.

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

2023

Impresso no Brasil

Capa

S.A. Solução Digital

Foto da capa

Vinit Singh / Unsplash

Preparação

Marco Aurelio Alencar

S475 Sêneca, 4 a.C-65 d.C.

Sobre a brevidade da vida / Sêneca. - 1. ed. - Rio de Janeiro
: Editora S.A., 2023.

ISBN: Aguardando emissão

1. Filosofia. 2. Filosofia estoica. 3. Ética e virtude. 4.
Autocontrole. I. Título.

CDD. 100

Todos os direitos desta edição estão reservados à EDITORA S.A.

Rua Senador Dantas, 71 - Gr. 1601

Rio de Janeiro – RJ

www.editorasa.com.br

BIOGRAFIA

Sêneca, cujo nome completo era Lucius Annaeus Seneca, foi um filósofo estoico da Roma Antiga. Ele nasceu em Córdoba, na Espanha, e viveu entre os anos 4 a.C. e 65 d.C. Além de filósofo, Sêneca também foi um estadista, dramaturgo e satirista. Ele é considerado uma figura importante na literatura latina do período pós-augustano.

Sêneca foi influenciado por filósofos como Sócrates, Platão e Epicuro. Ele escreveu extensivamente sobre ética, virtude, sabedoria e a busca pela felicidade. Suas obras filosóficas abordam temas como a importância do autocontrole, a aceitação da morte e a busca pela tranquilidade interior.

Além de suas contribuições filosóficas, Sêneca também teve influência na literatura e no teatro. Suas tragédias, como "Medeia" e "Tiestes", são consideradas obras-primas do teatro romano.

Sêneca teve um impacto duradouro no pensamento filosófico e influenciou muitos escritores e pensadores ao longo da história, incluindo William Shakespeare, Dante Alighieri e Michel de Montaigne.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	7
CAPÍTULO 2	8
CAPÍTULO 3	10
CAPÍTULO 4	12
CAPÍTULO 5	14
CAPÍTULO 6	15
CAPÍTULO 7	17
CAPÍTULO 8	20
CAPÍTULO 9	22
CAPÍTULO 10	24
CAPÍTULO 11	26
CAPÍTULO 12	27
CAPÍTULO 13	30
CAPÍTULO 14	33
CAPÍTULO 15	35
CAPÍTULO 16	37
CAPÍTULO 17	39
CAPÍTULO 18	41
CAPÍTULO 19	43
CAPÍTULO 20	44

CAPÍTULO 1

A maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malevolência da Natureza, porque estamos destinados a um momento da eternidade, e, segundo eles, o espaço de tempo que nos foi dado corre tão veloz e rápido, de forma que, à exceção de muito poucos, a vida abandonaria a todos em meio aos preparativos mesmos para a vida. E não é somente a multidão e a turba insensata que se lamenta deste mal considerado universal: a mesma impressão provocou queixas também de homens ilustres. Daí o protesto do maior dos médicos: “A vida é breve, longa, a arte.” Daí o litígio que Aristóteles teve com a Natureza: “aos animais, ela concedeu tanto tempo de vida, que eles sobrevivem por cinco ou dez gerações; ao homem, nascido para tantos e tão grandes feitos, está estabelecido um limite muito mais próximo.” Não é curto o tempo que temos, mas dele muito perdemos. A vida é suficientemente longa e com generosidade nos foi dada, para a realização das maiores coisas, se a empregamos bem. Mas, quando ela se esvai no luxo e na indiferença, quando não a empregamos em nada de bom, então, finalmente constrangidos pela fatalidade, sentimos que ela já passou por nós sem que tivéssemos percebido. O fato é o seguinte: não recebemos uma vida breve, mas a fazemos, nem somos dela carentes, mas esbanjadores. Tal como abundantes e régios recursos, quando caem nas mãos de um mau senhor, dissipam-se num momento, enquanto que, por pequenos que sejam, se são confiados a um bom guarda, crescem pelo uso, assim também nossa vida se estende por muito tempo, para aquele que sabe dela bem dispor.

CAPÍTULO 2

Por que nos queixamos da Natureza? Ela mostrou-se benevolente: a vida, se souberes utilizá-la, é longa. Mas uma avareza insaciável apossa-se de, um de outro, uma laboriosa dedicação a atividades inúteis, um embriaga-se de vinho, outro entorpece-se na inatividade; a este, uma ambição sempre dependente das opiniões alheias o esgota, um incontido desejo de comerciar leva aquele a percorrer todas as terras e todos os mares, na esperança de lucro; a paixão pelos assuntos militares atormenta alguns, sempre preocupados com perigos alheios ou inquietos com seus próprios; há os que, por uma servidão voluntária, se desgastam numa ingrata solicitude a seus superiores; a busca da beleza de um outro ou o cuidado com sua própria ocupa a muitos; a maioria, que não persegue nenhum objetivo fixo, é atirada a novos desígnios por uma vaga e inconstante leviandade, desgostando-se com isso; alguns não definiram para onde dirigir sua vida, e o destino surpreende os esgotados e bocejantes, de tal forma que não duvido ser verdadeiro o que disse, à maneira de oráculo, o maior dos poetas: “Pequena é a parte da vida que vivemos.” Pois todo o restante não é vida, mas tempo. Os vícios atacam-nos, e rodeiam-nos de todos os lados e não permitem que nos reergamos, nem que os olhos se voltem para discernir a verdade, mantendo-os submersos, pregados às paixões. Nunca é permitido às suas vítimas voltar a si: se por acaso acontecer de encontrarem alguma trégua, ainda assim, tal como no fundo domar, no qual, mesmo após a tempestade, ainda há agitação, eles ainda assim são o juguete das paixões, e nenhum repouso lhes é concedido. Pensas que falo

daqueles cujos vícios são declarados? Vê aqueles cuja fortuna faz acorrer à multidão: são sufocados pelos seus bens. A quantos as riquezas não são um peso!

Quantos não verteram seu sangue por causa de sua eloquência e da presteza diária com que exibiam seus talentos! Quantos não estão pálidos por causa de seus contínuos prazeres! A quantos a vasta multidão de clientes não dá nenhuma liberdade! Passa os olhos por todos, desde os menores até os mais poderosos: este advoga, aquele assiste, um é acusado, outro defende, e um outro ainda julga – ninguém reivindica nada para si, todos consomem mutuamente suas vidas. Pergunta por aqueles cujos nomes se aprendem de cor e verás que eles são identificados pelas características seguintes: este é servidor daquele, que o é de um outro –ninguém pertence a si próprio. E, portanto, é o cúmulo da insensatez, a indignação de alguns: queixam-se do desdém de seus superiores, porque estes não tiveram tempo de ir ter com eles quando o desejavam. Quem ousará queixar-se da soberba de um outro, quando ele mesmo não tem um momento livre para si próprio? E aquele, contudo, apesar de seu aspecto insolente, olhou-te uma vez com consideração, sem saber quem eras, prestou atenção às tuas palavras e mesmo recebeu-te junto de si; tu não te dignaste a considerar nem a ti mesmo. Portanto não há razão para pedires contas de teus favores a quem quer que seja, uma vez que, quando os fizeste, não desejavas estar com um outro, mas não podias estar contigo.